



Iniciativa do governo Lula recebe a adesão de 82 países, além de organismos internacionais. A Argentina, de Javier Milei, assina no último momento. Meta é beneficiar 500 milhões de pessoas em nações de baixa renda



A declaração final do G20 tem um pedido por um cessar-fogo na Faixa de Gaza e demonstra "profunda preocupação" com a escalada de tensão no Líbano. Grupo diz apoiar iniciativas para a paz duradoura na Ucrânia

# Em vitória do Brasil, a aliança contra a fome

» MAYARA SOUTO  
Enviada especial  
» VICTOR CORREIA

**R**io de Janeiro e Brasília — Iniciativa do Brasil na presidência do G20, a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza recebeu a adesão em peso do grupo dos países mais ricos do planeta. O pacto teve o aval de 148 nações e organizações internacionais.

Os líderes também chegaram a um consenso sobre a declaração final do grupo. Além da adesão à Aliança Global contra a fome, apoiaram a taxação dos super-ricos e pediram o fim da guerra na Ucrânia e na Faixa de Gaza.

A primeira sessão da cúpula foi marcada pelo lançamento da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfatizou que 733 milhões de pessoas passam fome no mundo, segundo dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês).

"É como se as populações de Brasil, México, Alemanha, Reino Unido, África do Sul e Canadá, somadas, estivessem passando fome. São mulheres, homens e crianças, cujo direito à vida e à educação, ao desenvolvimento e à alimentação são diariamente violados", declarou em seu discurso de abertura. "Em um mundo que produz quase seis bilhões de toneladas de alimentos por ano, isso é inadmissível. Em um mundo cujos gastos militares chegam a US\$ 2,4 trilhões, isso é inaceitável."

A aliança recebeu a adesão de 82 países, além da União Africana, da União Europeia, de 24 organizações internacionais, de nove instituições financeiras internacionais e de 31 organizações filantrópicas e não-governamentais. O objetivo da iniciativa é formar uma rede de apoio entre países e organizações para a troca de experiências bem-sucedidas, conhecimento para implantar ações e buscar financiadores.

O acordo internacional pretende alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 1 e 2, da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), que preveem a erradicação da fome e a diminuição da pobreza. "Esses serão o nosso maior legado", disse Lula, sobre a presidência brasileira à frente do G20 neste ano.

O texto final reconhece que o mundo já possui recursos e conhecimento suficiente para erradicar a fome. O que falta, de acordo com o grupo, é a vontade política para expandir o acesso aos alimentos.

"O G20 representa 85% dos US\$ 110 trilhões do PIB mundial. Também responde por 75% dos US\$ 32 trilhões do comércio de bens e serviços e dois terços dos 8 bilhões de habitantes do planeta. Compete aos que estão aqui, em volta desta mesa, a inadiável tarefa de acabar com essa chaga (a fome) que envergonha a humanidade", destacou Lula.

A declaração defende que, para alcançar a erradicação da fome, sejam incentivadas ações de transferência de

Ricardo Stuckert / PR



Biden com Lula: presidente dos Estados Unidos chegou atrasado e ficou de fora da foto oficial da cúpula do G20

Ricardo Stuckert/PR



## » Ausências na foto oficial

A primeira foto oficial do G20 em dois anos teve três ausências importantes: o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e os primeiros-ministros do Canadá, Justin Trudeau, e da Itália, Giorgia Meloni. Os três chegaram atrasados ao local onde foi feito o registro — o Museu de Arte Moderna (MAM) —, quando os demais chefes de Estado já se dirigiam ao próximo compromisso. Biden e Trudeau estavam em uma reunião bilateral, que acabou demorando mais tempo do que o previsto. Já Meloni não justificou a demora.

renda, programas locais de alimentação escolar, fortalecimento da proteção social, melhoria do acesso ao microcrédito e do sistema financeiro formal e apoio à agricultura familiar.

O ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Wellington Dias, afirmou que, com os recursos e as adesões atuais, já é possível realizar transferência de renda para 500 milhões de pessoas em países de baixa renda, e 150 milhões de crianças devem ser atendidas com alimentação escolar.

A iniciativa terá sede em todas as regiões do mundo, uma delas será em Brasília, que representará a América do Sul. De acordo com o ministro, as outras devem funcionar em Roma, na Itália (Europa), Washington, nos Estados Unidos (América do Norte), Addis Ababa, na Etiópia (África) e Bangkok, na Tailândia (Ásia).

O comando da Aliança se dará pelo chamado Conselho de Campeões, composto por países e organizações que foram criadoras da ideia e representam a diversidade da aliança. O principal papel do grupo é motivar politicamente a participação das nações na iniciativa e angariar financiamento. Até o momento, são 18 membros — Brasil, China, Bangladesh, Alemanha, África do Sul,

Reino Unido, Noruega, Portugal, União Europeia e organizações como Unicef, OCDE e WFP.

A Argentina resistiu, até o último momento, a aderir à Aliança. O país tinha sido muito criticado por não assinar a resolução final do Grupo de Trabalho das Mulheres, porque o texto usou o termo "igualdade de gênero". Fontes ligadas ao governo brasileiro acreditam que a decisão de assinar o pacto se deu como uma forma de não isolar o país, após a péssima repercussão do episódio.

Diplomatas brasileiros afirmam que o documento estava pronto desde domingo e que as negociações eram para convencer o presidente argentino, Javier Milei, a assinar o documento. Apesar de também criticar a tributação dos super-ricos, ele assinou o consenso que prevê a tributação dos 2% mais abastados do mundo — o que, segundo discurso de Lula, injetaria R\$ 250 bilhões na economia mundial. A tributação deverá ocorrer de maneira progressiva e ser usada para beneficiar programas sociais.

## Governança global e guerras

**Rio** — Uma das pautas da presidência brasileira à frente do G20, a reforma da governança global foi aceita pelos países do grupo. O documento pede o fortalecimento da Assembleia Geral da ONU e mais diversidade de nações no Conselho de Segurança do organismo. Também defende mais mulheres em cargos de direção. Atualmente, o grupo possui 15 membros, sendo apenas cinco permanentes (China, Estados Unidos, Reino Unido, França e Rússia). Nenhum deles é do Sul global.

Há um pedido específico para incluir mais países da África, da Ásia-Pacífico e da América Latina e Caribe. Já na questão de financiamento global, pede-se que os bancos e instituições financeiras tenham planos para desenvolver os países que não conseguem pagar a dívida externa — com ênfase nos países de baixa e média renda.

Os países também se comprometem a trabalhar em prol de um mundo "livre de armas nucleares" e condenam o terrorismo "em todas as suas formas e manifestações".

Sobre a guerra na Ucrânia, dizem estarem solidários com o "sofrimento humano e impactos negativos da guerra", especialmente, em relação à segurança alimentar e energética global, além de afetar a estabilidade macrofinanceira, inflação e crescimento. A recomendação é de que iniciativas visem a paz "abrange, justa e duradoura" no país.

Já sobre a situação na Faixa de Gaza, os membros do G20 expressam "profunda preocupação com a situação humanitária catastrófica na Faixa de Gaza e escalada da violência no Líbano". Enfatizam também a "necessidade urgente" de "expandir o fluxo de assistência humanitária a essas regiões", além de que seja feito "um cessar-fogo abrangente em Gaza e Líbano, permitindo o retorno seguro dos cidadãos às suas casas". Eles também defendem uma solução para Israel e Palestina coexistirem no mesmo território.

## Mudanças climáticas

Sobre as mudanças climáticas, o documento reafirma a importância do Acordo de Paris, assinado em 2015, que pretendia limitar o aquecimento da Terra a 1,5°C até 2030. No entanto, o patamar já foi alcançado em 2024 e, por isso, os países pedem para que seja mantido o índice "bem abaixo de 2°C" com esforço para permanecer com a temperatura atual.

As emissões de gases do efeito estufa também entraram na declaração, que pede para que as emissões líquidas dos poluentes sejam zeradas até meados do século. (MS)